

Tração do bem: construindo conhecimentos através do assistencialismo veterinário

Paloma Nascimento Pedrosa^[1], Amélia Lizziane Leite Duarte^[2], Talles Luann Abrantes Ferreira^[3], Camila Marcia de Andrade Queiroga^[4], Amaíra Casimiro do Nascimento^[5], Welitânia Inácia da Silva^[6]

[1] paloma_pedrosa@hotmail.com. [2] amelia.duarte@hotmail.com. [3] talles_abrantesjc@hotmail.com. [4] camilaqueirogavet@gmail.com. [5] amaira_casimiro@hotmail.com. [6] taniaisilva83@hotmail.com. IFPB – Campus Sousa.

RESUMO

Os equídeos são fundamentais para o desenvolvimento do trabalho dos carroceiros, auxiliando na obtenção da renda familiar. Neste sentido, este artigo visa contribuir com o conhecimento sobre o manejo adequado e condições de trabalho voltadas para a saúde e bem-estar dos animais pertencentes aos carroceiros da cidade de Sousa-PB. Para a construção deste trabalho, partiu-se de um projeto que consistiu na realização de visitas a bairros periféricos e feiras livres para identificação de 36 carroceiros e diagnose de 40 animais. Posteriormente, houve intervenções com aplicação de questionários aos proprietários, ações educativas, atendimentos clínicos gerais e específicos e palestras com orientações sobre doenças e manejo adequado. O projeto também abrangeu as famílias dos trabalhadores, a população dos bairros periféricos e seus círculos sociais, por meio de ações dos discentes capacitados e integrantes do referido projeto. Os equídeos de tração atendidos pelo projeto receberam procedimentos médico-veterinários, como exame clínico, vermifugação e tratamento de feridas. Também foram realizadas palestras e, para as crianças, apresentação da peça teatral “O amigo burro”, encenada pelos participantes do projeto, discentes de escolas municipais da cidade de Sousa. Pode-se concluir que vários animais apresentam enfermidades e manejo inadequado, não recebem água e alimentação durante o dia, afetando o seu desempenho e qualidade de vida, devido à falta de informação.

Palavras-chave: Bem-estar. Equídeos. Sanidade.

ABSTRACT

Equines are fundamental for the development of the work of cartwrights because they help them to obtain their family income. This article aims to contribute with the expansion of knowledge about the proper management and working conditions of the animals and focuses on the health and welfare of the horses that belong to the cartwrights in the city of Sousa - PB. Visits took place in peripheral neighborhoods and open fairs. During the visits we identified 36 out of 40 animals. Throughout the project there were interventions such as application of questionnaires to the owners, educational actions, general and specific clinical care and lectures with explanations about diseases and adequate animal management. The project also covered the families of the workers, the population of the peripheral neighborhoods and their social circles. Traction equines treated by the project received veterinary medical treatment such as clinical examination and worming and wound treatment. We had some lectures on the topic and the students participating in the project acted the play “The dumb buddy”. Results indicate that several animals have diseases and receive inadequate management, some do not receive water or food during the day, affecting their performance and quality of life due to lack of information.

Keywords: Well-being. Equidae. Sanity.

1 Introdução

Na cidade de Sousa, localizada no interior do estado da Paraíba, Brasil, na mesorregião do Sertão Paraibano, distante 438 quilômetros a oeste de João Pessoa, capital estadual, existem diversos trabalhadores autônomos. Alguns deles utilizam a força de equídeos para tração de carroças e obtenção da renda familiar, transportando materiais e objetos nessas carroças. Muitas vezes os carroceiros – tutores dos animais que tracionam esses transportes – não possuem informações a respeito dos cuidados em relação ao manejo e à alimentação desses animais, surgindo, com grande frequência, casos de doenças, maus tratos e incapacidade para o trabalho, resultando em maiores dificuldades de extração de renda para as famílias desses carroceiros (FONTEQUE; PAOLINI; SILVA, 2010).

Muitas cidades brasileiras possuem equídeos tracionando carroças. A observação dessa atividade mostra, comumente, a utilização imprópria, considerando o estado do veículo, o excesso de carga, a condição do animal e a direção do condutor – abusos e maus-tratos severos aos cavalos ocorrem continuamente (SOUZA, 2006).

Nas regiões de Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Distrito Federal, encontram-se facilmente trabalhos voltados para esta problemática, sempre com o intuito de levar o máximo possível de informações para os carroceiros, otimizando o desempenho e qualidade de vida dos equídeos de tração (SCHADE *et al.* 2013; OLIVEIRA *et al.* 2007; KAARI, 2006; REICHMANN, 2003). No estado da Paraíba, entretanto, não existem dados sobre estudos voltados para os carroceiros no sentido de orientá-los sobre a melhor forma possível de conduzir seu trabalho e seus animais, evitando o surgimento de enfermidades, promovendo-lhes condições favoráveis a um melhor desempenho no período de trabalho, por via da adoção de práticas adequadas de manejo.

Tendo em vista a importância da assistência Médica Veterinária a equídeos utilizados na tração de carroças, o presente artigo objetivou levar informações e orientações nutricionais, sanitárias e de bem-estar animal às crianças do Ensino Fundamental I, para ajudar na propagação do conhecimento, e aos tutores de equídeos de tração bem como assistência médica veterinária a estes animais, de forma que, por meio das ações realizadas, o público envolvido entenda que esses pontos estão diretamente relacionados com o desempenho ideal de suas funções no

trabalho, com a saúde e bem-estar de sua família e da população em geral, consequentemente, reduzindo os casos de maus-tratos, auxiliando na promoção do bem-estar animal.

2 Referencial teórico

Um dos primeiros animais a serem domesticados pelo homem foram os equinos, tendo um papel fundamental nos primórdios da humanidade para o desenvolvimento da terra, pois a sua força era utilizada para transporte de cargas (CHÂTEAU; DEGUEURCE; DENOIX, 2006).

Os engenhos de açúcar no nordeste tiveram a força do trabalho escravo para seu funcionamento, porém a força dos animais de tração, em especial, o cavalo, era de grande importância (FREIRE, 1969). Furtado (1959), ressaltou o valor dos animais de trabalho em várias regiões do Brasil também para a constituição da economia.

De acordo com Digard (1999), a história do homem e do cavalo é antiga e com variações, pois, no início, o que interessava ao homem era a carne desses animais; com o decorrer do tempo, viu-se a importância dos equídeos como instrumento para o trabalho, para a locomoção e também para o esporte ou companhia.

No Brasil, pode-se observar mais recentemente o crescimento da utilização de equídeos na tração, nas metrópoles, como uma atividade da economia informal (REZENDE, 2004; MARANHÃO *et al.*, 2006).

Além disso, os programas terapêuticos utilizando a equoterapia e equitação têm se tornado muito populares. Diante disto, observa-se que os cuidados e a criação dos equídeos, para esses fins, envolvem não só muitos profissionais, como criadores, cavaleiros, veterinários, tratadores, terapeutas, entre outros, mas também leigos (ANDERSON *et al.*, 1999).

Existe, ainda, uma parcela significativa de equídeos sendo vistos em estado muito diferente e adverso do que seria o adequado, sendo utilizados para tracionar carroças ou charretes nas grandes cidades, transportando desde pessoas, bens duráveis e alimentos até lixo e entulhos (SMYTHE, 1990; REZENDE, 2004).

Segundo Goodshipe e Birch (2001), esses animais são submetidos a condições exaustivas de trabalho, com elevado número de horas trabalhadas, transportando cargas em excesso, com alimentação inapropriada, baixo consumo de água, sob maus tratos, trabalhando, ainda, sobre pisos duros, como o asfal-

to. Por isso, discutir sobre os conceitos do bem-estar animal, fins corretos do lixo e entulho transportados, guarda responsável e riscos à saúde e segurança dos equídeos, em geral, é de fundamental importância.

Vários problemas associados ao trabalho dos carroceiros são relatados por diversos autores, entre esses problemas: desobediência às leis de trânsito e de proteção à infância e adolescência bem como às leis de proteção aos animais; exclusão social; destinação incorreta de entulhos; entre vários outros. E, por esses fatos, várias cidades têm criado projetos e até leis municipais, visando regulamentar a atividade de carroceiro para melhorar a sua vida e a da sociedade em geral bem como lutar por uma melhora das condições de vida dos equídeos (REICHMANN, 2003; REZENDE *et al.*, 2004; SILVA FILHO *et al.*, 2004; KAARI, 2006).

Para a proteção mundial dos animais (WSPA, 2004), o bem-estar animal é considerado como uma ciência voltada ao conhecimento e à satisfação das necessidades básicas dos animais mantidos sob o controle do homem. Isto, no entanto, vai além do conceito de necessidades, mas abrange outros diversos, entre eles: emoções, medo, sofrimento, dor, ansiedade, liberdade, estresse, controle e saúde. O bem-estar animal (BEA) pode ser analisado de forma eficiente e direta por meio das "Cinco liberdades": livre de fome e de sede; livre de dor, lesões e doenças; livre de desconforto; livre de medo e de estresse e livre para expressar comportamento natural. Esses itens são verificados utilizando-se critérios qualitativos que vão de "muito bom" a "muito pobre" (BROOM, 1999).

A precariedade do bem-estar dos animais que são submetidos à prática dos carroceiros causa consequências, como: redução da expectativa de vida e da taxa de crescimento; patologias comportamentais e supressão do comportamento normal; ocorrência de lesões corporais e doenças; alteração do processo fisiológico e do desenvolvimento anatômico. Além de serem indesejáveis para o homem, esses sinais, causados pela escassez de bem-estar, são indicativos de baixa qualidade de vida e de sofrimento para o animal (BROOM; JOHNSON, 1993).

Gradela *et al.* (2014) relatam que, associado aos problemas causados pela ausência do bem-estar animal, está o risco de transmissão de doenças ao homem, o que caracteriza as zoonoses; essas doenças podem acometer também outros equídeos de populações controladas, como as dos centros hípicas, regimentos de cavalaria, jôquei, haras da região e

centro de treinamento. As zoonoses mais importantes, potencialmente transmitidas pelo cavalo são: raiva, febre maculosa, leptospirose, rinopneumonite equina, mormo e brucelose (MOTA *et al.*, 2000).

Algumas características positivas e ou negativas vistas nos animais de tração são decorrentes de inúmeros fatores aos quais eles estão expostos, como o clima, treinamento, tipo de arreamento, manejo, genética e superfície de trabalho (JONES, 1987). Segundo Rutherford *et al.* (2008), o aumento no índice de laminite está associado aos pisos duros. Uma incidência elevada (31,9%) de patologias mistas na palpação metacárpica/metatársica em animais de tração também foi observada, e a grande quantidade dessas alterações foi atribuída ao esforço articular originado do trabalho; as alterações biomecânicas, por sua vez, causadas por flacidez de ligamentos e desequilíbrios podais (MARANHÃO *et al.*, 2006)

O sobrepeso que os equídeos de tração carregam resultam em graves problemas de aprumos, posturais, e de bem-estar (DELGADO, 1999; SMYTHE, 1990; WSPA, 2004). Isso acontece comumente porque as pessoas que utilizam todos os dias esses animais no seu trabalho não dispõem de conhecimentos necessários para cuidar deles adequadamente. Em sua grande maioria, os carroceiros são pessoas de baixo nível cultural e socioeconômico, condição que dificulta o acesso a informações e à assistência veterinária. Sendo assim, os cuidados relacionados ao manejo ficam limitados às conversas informais entre colegas de profissão, ou mesmo ao conhecimento adquirido ao longo da vida, experiências do dia a dia, causando manejo inapropriado, maus tratos, exposição dos animais a condições ambientais indesejáveis e precárias, desnutrição, falta de sensibilidade e trabalho intenso (GRADELA *et al.*, 2014).

Uma importante participação socioeconômica é promovida pela função desempenhada pelos carroceiros: eles acabam se tornando responsáveis pelo transporte de grande parte do entulho, originado de obras domésticas, utensílios descartados e limpeza de jardins, além de ser uma opção de frete mais barato (REZENDE, 2004; PALHARES, PEREIRA, SILVA FILHO, 2005).

Estima-se que dois bilhões de pessoas, em cerca de 30 países, utilizam em torno de 300 milhões de animais de tração. Levando em consideração o grande número de pessoas que utilizam essa atividade como única ou principal fonte de renda da família, ou como meio de transporte, e devido à quantidade de

equídeos envolvidos, é de fundamental importância a discussão de conceitos relacionados ao bem-estar desses animais (SOUZA, 2006), já que se trata de condutas e ações que interferem diretamente na vida, saúde, e, como consequência, na produtividade desses animais, afetando a renda, e, com isso, a vida dos trabalhadores e suas famílias (GRADELA *et al.*, 2014).

3 Metodologia

O trabalho foi desenvolvido nas feiras livres e bairros periféricos do município de Sousa, Paraíba, durante os meses de outubro de 2017 a fevereiro de 2018. Os proprietários de equídeos usados para tração de carroças foi o público alvo, abrangendo as famílias dos trabalhadores, a população dos bairros periféricos e seus círculos sociais.

O projeto foi realizado com 40 equídeos de tração, 18 machos e 22 fêmeas, com faixa etária variável (entre 1 e 16 anos), e todos inseridos no trabalho de tração de carroças.

Inicialmente, houve uma capacitação dos discentes integrantes do projeto, os quais receberam conhecimentos teóricos e práticos sobre os temas desenvolvidos nas ações, tais como: exame clínico geral de equídeos; vermifugação desses animais; tratamento adequado de lesões e importância do destino adequado ao lixo/entulho transportado pelos carroceiros para o ambiente e a qualidade de vida da população.

Figura 1 – Capacitação dos discentes no Hospital Veterinário (HV) do IFPB, para posteriores exames e avaliações dos equídeos



Fonte: Arquivo pessoal.

Foram executados atendimentos em 40 equídeos, a partir dos quais foi possível detectar algumas enfermidades, como claudicações, desnutrição, desidratação etc. Também se realizaram oficinas (peça teatral e palestras) em cinco escolas municipais e estaduais, beneficiando diversos crianças, estudantes do Ensino Fundamental I, tornando essas crianças disseminadoras dos conhecimentos obtidos quanto ao bem-estar animal e destino correto dos lixos/entulhos.

Os carroceiros atendidos foram cadastrados, após terem respondido a um questionário aplicado para que a equipe da pesquisa tivesse conhecimento do perfil socioeconômico, nível de escolaridade, visão sobre o animal e condições de trabalho às quais estes eram submetidos.

Após exame e avaliações dos equídeos, foram confeccionados e entregues cartões de vacinação com informações para esclarecimento dos carroceiros e de suas famílias, abordando as principais zoonoses que podem acometer os humanos que têm contato direto com esses animais.

Durante toda a abordagem e realização de exames clínicos gerais nos animais, foram sanadas, na medida do possível, as dúvidas em relação ao manejo e bem-estar dos equídeos, com informações sobre fornecimento adequado de água, necessidade de descanso a cada duas horas de trabalho, transporte de volumes de cargas excessivas e não utilização de chicotes. Também foram orientados sobre a alimentação adequada, importância da mineralização, como tratar as feridas de forma adequada, buscando sempre que possível elucidar dúvidas quanto à importância da prevenção de doenças, vacinações e vermifugação.

Além da orientação aos criadores, foram fornecidos, aos animais, vermífugos, amostras de suplementação mineral e, quando necessário, alguns desses animais foram submetidos à administração de alguma medicação. As carroças foram identificadas por placas numéricas, as quais indicam que aquele carroceiro estava recebendo assistência médica veterinária.

Foram realizadas avaliações, exame clínico geral e exame clínico específico (quando necessário), com auxílio de estetoscópio, termômetro e técnicas clínicas, como inspeção, palpação, olfação, percussão e auscultação, em busca de avaliando os seguintes parâmetros fisiológicos: frequência cardíaca, frequência respiratória, tempo de preenchimento capilar, hidratação, coloração de mucosas e temperatura retal.

Para suprir a necessidade de propagação de orientações, foram realizadas palestras e peças teatrais com uso de fantoches, para crianças de cinco escolas municipais e estaduais do Ensino Fundamental I, atingindo em média 450 alunos.

4 Resultados da pesquisa

A maioria dos animais atendidos durante a realização do trabalho era de fêmeas (55%), as quais apresentavam idade entre 7 e 15 anos (47%) e estavam na tutoria do mesmo responsável entre 1 e 6 anos (50%).

Os responsáveis pelos animais eram principalmente homens que residem, na sua grande maioria, na zona urbana. Do total desses responsáveis, 44,44% moram com uma a três pessoas na mesma casa; 44,44% moram com quatro a sete pessoas; e os outros 11,11% moram sozinhos. 75% dos entrevistados recebiam um salário mínimo e 25% possuíam renda familiar entre um a três salários mínimo. Esses dados obtidos no questionário sócio-econômico corroboram a pesquisa feita por Kanadani *et al.* (2014), em que os seus entrevistados foram predominantemente homens, com renda mensal menor do que R\$ 1.000,00.

Das 36 pessoas, 41,67% (15) não possuíam nenhum nível de escolaridade, 38,89% (14) apresentavam o Ensino Fundamental I incompleto, e dos 19,44% (7) restantes, nenhum chegou a concluir o Ensino Fundamental II, por terem que começar sua jornada de trabalho ainda muito jovens. A faixa etária dos trabalhadores foi variável, porém 50% enquadravam-se entre 40 a 60 anos de idade. Segundo Alves (2004), os trabalhadores sem carteira assinada, em grande maioria, são representados por trabalhadores excluídos do mercado formal por vários motivos, sobretudo pela falta de escolarização, que implica a não qualificação para o exercício de outras funções.

Todos os animais apresentaram uma alteração clínica, ou mais, predominando sempre as lesões ulceradas, encontradas em várias regiões do corpo (região dorsal, ventral, narina), ocasionadas pelo uso dos arreios e de todos os equipamentos utilizados para prender o animal à carroça. Foi realizada limpeza e desinfecção, com soro fisiológico, álcool iodado e pomada cicatrizante e repelente, nos animais que apresentaram lesões ulceradas mais profundas.

Devido à falta de orientação em relação ao manejo adequado e à falta de assistência médica veterinária, os animais apresentavam diversos problemas em sua estrutura física e fisiológica, principalmente

devido às alterações cutâneas e de locomoção, problemas que reduziam o seu desempenho no trabalho. Na tabela 1, podem-se observar as principais alterações clínicas encontradas, destacando-se as mucosas hipocoradas, alterações locomotoras e cutâneas. Esses dados também corroboram os dados de Kanadani *et al.* (2014), pois sua pesquisa também mostrou que as alterações locomotoras e dermatológicas foram as mais predominantes nos animais atendidos.

Tabela 1 – Alterações clínicas apresentadas em 40 equídeos carroceiros atendidos durante o exame médico veterinário

Sinais clínicos apresentados pelos animais atendidos	N° de lesões/ alterações observadas
Pêlos eriçados e opacos	8
Desidratação	9
Mucosas hipocoradas	15
Mucosas hiperacoradas	3
Secreção ocular	8
Blefarite	1
Opacidade de córnea	3
Secreção nasal	9
Problemas nos cascos (locomoção)	17
Arritmia cardíaca	2
Áreas alopecicas	5
Descamação cutânea	3
Lesões ulceradas	23
Total	106

Fonte: Elaborada pelo autor.

As condições de manejo empregadas aos animais de tração eram inadequadas e exigiam muito do animal, principalmente devido a altas horas de trabalho diário e excesso de carga transportada, podendo ser este último o principal fator relacionado às alterações do sistema locomotor, como destacado por Schade *et al.* (2013).

Os participantes deste projeto, em sua grande maioria (77,78%), ingressaram na profissão antes de atingir os 18 anos de idade, fosse por incentivo de um membro familiar ou por vontade própria, tornan-

do assim a profissão de carroceiro a principal forma de sustento para a família, trabalhando com uma ou mais funções, como coleta de materiais para reciclagem, fretes de mudanças, de materiais de construção, coleta de restos alimentares de restaurantes que servem de alimentos para suínos, ou até mesmo como transporte da família ou transporte de animais para os matadouros.

O trabalho dos carroceiros é intenso, constante e diário, requer muito do animal e do seu responsável, o que exige uma boa alimentação, horas de descanso e água limpa disponível. Esta não é, porém, a realidade de todos os animais. Muitos trabalham o dia todo, e só lhes é fornecido água duas a três vezes ao dia; outros, por sua vez, recebem água à vontade apenas quando não estão nas ruas, trabalhando. A alimentação nem sempre é a adequada, pois alguns recebem comida caseira, e, por falta de informações, os tutores acreditam que é uma alimentação saudável para a espécie equídea.

Oliveira *et al.* (2007) relatam que o consumo inadequado de água é prejudicial, pois a desidratação pode causar a morte mais rapidamente que a falta de qualquer outra substância e também aumenta o risco de impactação intestinal e cólica.

Embora 100% dos entrevistados tenham relatado o fornecimento de milho e pastagem natural (grama, capim), esse fornecimento é em pequenas quantidades ou de pouca qualidade nutricional para a exigência da espécie. De certa forma, eles reconhecem que os animais necessitam de uma suplementação maior na sua dieta alimentar. Essa quantidade mínima de alimentação fornecida pode ser justificada pela classe social e econômica, geralmente baixa, em que o tutor está inserido, pois impede que tenha condições de compra de suplementações para fornecer em quantidades ideais ao animal.

Não existe uma preocupação em relação à prevenção de doenças, e poucos conheciam a existência de vacinas para a prevenção de enfermidades em equídeos. Cada tutor foi alertado sobre o surgimento de doenças; também foram informados de que, para muitas dessas doenças, existem formas preventivas, como no caso das vacinas e pastas vermífugas que podem evitar diversos problemas. Foi entregue a cada proprietário uma pasta vermífuga para cada animal, com todas as recomendações sobre a quantidade ideal para ser aplicada em relação ao peso do animal. Também foi fornecido um cartão de vacinação para que os responsáveis anotassem o tipo de vacina e vermífugo utilizado e a data de aplicação,

de modo a continuarem utilizando essas práticas de manejo após o projeto, já sabendo da importância da vacinação e da vermifugação relacionadas à saúde do seu animal.

Em relação à suplementação através de sal mineral para equídeos, eles também não conheciam – acreditavam que o sal de cozinha era o ideal. Então, foram repassadas informações sobre o sal mineral específico para a espécie equina, ressaltando que esse sal contém a quantidade necessária de cada mineral específico para a espécie. Na ocasião, foi fornecido um kg de sal mineral para cada animal, para estimular nos criadores a adoção desta prática. Salienta-se que a mistura mineral, comumente chamada de sal mineral, formulada para equinos, deve ser fornecida à vontade, em um cocho, ou na quantidade de 50g por dia, em formulações prontas para uso, sem adição de sal comum (GOBESSO, 2007).

Segundo Gobesso (2007), a importância do oferecimento de suplemento mineral se baseia no fato de cavalos de trabalho apresentarem grandes perdas de minerais pelo suor, nas regiões de clima tropical e quente e durante a contração muscular. Também, é fundamental para aquelas propriedades onde se criam cavalos de serviço, pois o não fornecimento do suplemento mineral pode prejudicar o desempenho fisiológico e hormonal dos equídeos.

Segundo os carroceiros, a jornada de trabalho pode variar de um dia para o outro, mas, de qualquer forma, acabam não tendo dia de folga, pois sempre estão nas ruas, aguardando um novo frete ou outra oportunidade de trabalhar. Reichmann (2003) destaca que muitos carroceiros baseiam os cuidados dispensados aos seus animais pelas informações adquiridas através da própria vivência ou com colegas de profissão, adquirindo experiências e informações muitas vezes baseadas em preconceitos, que resultam em manejos inadequados e maus-tratos aos animais.

Durante a jornada de trabalho, os animais são expostos frequentemente ao sol e chuva, sem nenhuma proteção. Os locais onde os animais vivem geralmente são cercados por arames farpados e não possuem uma área de sombra (coberta) para eles.

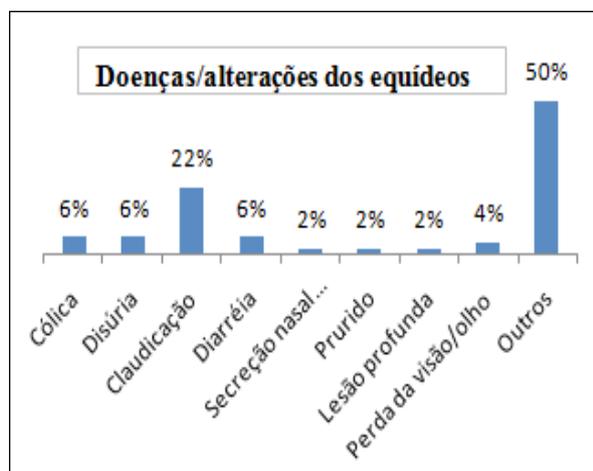
Para Oliveira (2007), raramente existe um abrigo para o equídeo carroceiro se proteger do sol ou de outras alterações climáticas. Tal situação pode causar uma série de problemas como: exposição dos animais a materiais que provocam ferimentos; risco de ingestão de substâncias tóxicas; exposição dos equídeos a roubos e agressões; escape dos animais e circulação por vias públicas, colocando em risco a

vida de pessoas e a deles próprios; ocupação indevida de loteamentos privados, entre outros.

Quando os carroceiros foram questionados se algum de seus equídeos já havia ficado doente, 50% dos entrevistados responderam que sim. Quanto a casos em que o animal esteve, apenas 5% dos carroceiros relataram não utilizá-lo para o trabalho enquanto esse estava doente. 64% dos tutores disseram considerar que o animal estava realmente doente quando não conseguiam levantar ou os apresentando sinais de cólica (o animal ficava rolando pelo chão e olhando para o flanco).

As doenças/alterações dos equídeos mais citadas pelos carroceiros foram: “cólica” (6%) – dois casos foram tratados por um veterinário e um caso com uma planta conhecida na região como cabacinha (*Luffa operculata*); disúria (6%), claudicação (22%), diarreia (6%), secreção nasal purulenta (2%), prurido (2%), lesão profunda (2%) e perda da visão/olho uni ou bilateral (4%); sobre os outros 50% (referentes a 20 animais), os responsáveis relataram que não tiveram nenhuma enfermidade.

Gráfico 1 – Doenças/alterações mais frequentes nos equídeos, de acordo com seus tutores



Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com Reichmann (2003), o baixo nível sócio-econômico dos carroceiros dificulta o acesso à assistência médica veterinária, pois, devido à sua baixa renda, eles não possuem condições financeiras para pagar um médico veterinário e ter gastos com consultas e medicamentos. Em último caso, quando os animais precisam ser medicados, o tutor vai até uma farmácia veterinária e compra algum medicamento que sirva para os sinais apresentados.

Outra prática realizada por 100% dos carroceiros é o descarte inadequado do lixo – todos descartam em terrenos baldios, próximos das residências. Esses carroceiros não tinham consciência de que este descarte inadequado de entulhos pode prejudicar a saúde da própria família e da população em geral.

Acredita-se que ações em escolas sejam uma forma eficiente de disseminação de informações. Por esse motivo, foi realizada a peça teatral “O amigo burro”, encenada com fantoches, pelos discentes participantes do projeto, para crianças em Escolas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, disseminando informações sobre destino adequado do lixo transportado pelos carroceiros, manejo alimentar e sanitários e bem-estar animal, alertando principalmente sobre o uso de chicotes, instrumento utilizado por 75% dos carroceiros.

Foram realizadas palestras e peças teatrais nas seguintes escolas: Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires, Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Freire, Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Teodoro Neto, Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Marques de Sousa e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Aurita da Silva. Durante as visitas nas escolas, as crianças relataram a observação de casos de maus tratos aos animais, e algumas delas não distinguiram o certo do errado, pois já tinha presenciado membros de sua família, chicoteando o cavalo, porque o animal não queria andar.

Apesar de muitas práticas e manejos inadequados, 28 (77,78%) carroceiros demonstraram sentimento e afeto com seus animais, os quais relataram que seu animal: “é uma verdadeira bola de ouro”, “representa o sustento da minha família”, “é o pão de cada dia”, “é tudo, pois através dele posso comprar meus calçados e minhas roupas”, “representa muito, pois através dele colete materiais recicláveis para comprar alimentos” etc. 8 (22,22%) carroceiros, entretanto, não souberam relatar o que o animal significava em sua vida.

5 Conclusão

Os carroceiros da cidade de Sousa-PB são caracterizados, principalmente, por tutores do sexo masculino, domiciliados na zona urbana, em sua maioria não tiveram escolarização formal e não receberam orientações sobre o tratamento de doenças e manejo adequado para animais sob seus cuidados, por não

terem acesso fácil a uma assistência médica veterinária. Isso justifica, muitas vezes, o motivo pelo qual os animais apresentaram sinais clínicos de algumas enfermidades, especialmente presença de lesões ulceradas em diversas regiões do corpo e alterações nos cascos.

Os animais destinados para a tração de carroças são submetidos a condições de estresse, devido a sua difícil jornada de trabalho diária e a exposição ao sol. Além disso, os equídeos de tração raramente recebem água durante o trabalho. Fora do horário de trabalho, alguns animais (25%) recebem uma quantidade limitada de água. Nenhum carroceiro fornecia sal mineral apropriado para equídeos, porém 60% desses animais recebiam sal de cozinha na sua alimentação de forma indiscriminada.

De acordo com os resultados obtidos no presente trabalho, pode-se concluir que há uma grande necessidade de conscientização dos carroceiros para que se promova o bem-estar animal de equídeos utilizados na tração de carroças, além de cuidados com sua saúde, evitando-se a propagação de zoonoses. Apesar de a assistência médica veterinária exigir certo custo, o investimento se torna viável quando avaliado o custo-benefício, a prevenção e o tratamento adequado de doenças que podem acometer os equídeos de tração, principalmente, pelo fato do animal saudável ser capaz de desenvolver melhor o seu trabalho. É notória a necessidade de conscientizar as crianças com maior frequência, pois estas são a esperança de um futuro melhor e excelentes disseminadores de informações. Seria interessante se houvesse uma intervenção constante do município em relação a essa classe de trabalhadores, com medidas sócio-econômicas na tentativa de auxiliá-los, principalmente em relação ao respeito aos animais e ao meio ambiente, assim afetando de forma direta na melhoria da qualidade de vida dos animais utilizados por carroceiros.

REFERÊNCIAS

- ALVES, P. Jornal Hoje on-line. **A heterogeneidade do setor informal**. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.jhoje.com.br/>>. Acesso em: 6 fev. 2018.
- ANDERSON, M. K. *et al.* Behavioural assessment of horses in therapeutic riding programs. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 63, n. 1, p. 11-24, 1999.
- BROOM, D. M.; JOHNSON, K. G. **Stress and Animal Welfare**. Chapman & Hall: London: 1993.
- BROOM, D. M. Animal Welfare: the concept and the issues. In: DOLINS, F.L. (Ed.) **Attitudes to Animals: Views in Animal Welfare**. Cambridge: University Press, p. 129-142, 1999.
- CHÂTEAU, H.; DEGUEURCE, C.; DENOIX, J. M. Three-dimensional kinematics of the distal forelimb in horses trotting on a treadmill and effects of elevation of the heels and the toe. **Equine Veterinary Journal**, v. 38, n. 2, p.164-169, 2006.
- DELGADO, C. A. G. **Guia para el cuidado del equino de trabajo**. Asociación Defensora de Animales y del Ambiente, 1999.
- DIGARD, J. P. Un animal intermédiaire: le cheval. In: **Les français et leurs animaux**. Paris: Fayard, p. 51-70, 1999.
- FONTEQUE, J. H.; PAOLINI, E.; SILVA, M. C. Programa Amigo do Carroceiro. **Udesc em Ação**, v.40, p.1-8, 2010.
- FREIRE, G. O nordeste do açúcar. In: RIEDEL, D. (Org.). **Os canaviais e os mocambos**: Paraíba, Pernambuco e Alagoas. São Paulo: Cultrix, 1969, p. 210-224.
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, p. 9-15, 1959.
- GOBESSO, A. A. O. **Manejo e alimentação de cavalos de lida de gado**. Noticiário Tortuga. p. 24- 25, 2007. Disponível em: <<http://www.noticiariortuga.com.br/>>. Acesso em: 11 mar. 2018.
- GOODSHIP, A. E.; BIRCH, H. L. Exercise effects on the skeletal tissues. In: BACK, W.; CLAYTON, H. (Ed.). **Equine locomotion**. London: Saunders, 2001. p. 227-250.
- GRADELA, A. *et al.* **Projeto Carroceiro**. Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, Petrolina-PE, 2014.
- JONES, W. E. **Genética e criação de cavalos**. São Paulo: Roca, 1987. 666p.
- KAARI, P. **A exploração de equídeos por carroceiros no Distrito Federal**: direito, diagnóstico e educação ambiental. 2006. 109 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização)– Centro de Desenvolvimento Sustentável e Direito Ambiental, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- KANADANI, M.Y. *et al.* Perfil dos carroceiros, avaliação clínica e do bem-estar dos seus cavalos de tração da

região de Pirassununga-SP. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 12, n. 3, p. 6- 11, 2014.

OLIVEIRA L. M. *et al.* Carroceiros e equídeos de tração: um problema sócio-ambiental. Uberlândia- MG. **Caminhos de Geografia**, v. 8, p. 204-216, 2007.

MARANHÃO, R. P. A. *et al.* Afecções mais frequentes do aparelho locomotor dos equídeos de tração no município de Belo Horizonte. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 58, n. 1, p. 21-27, 2006.

MOTA, R. A. *et al.* Mormo em equídeos nos Estados de Pernambuco e Alagoas. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 20, n. 4, p.155-159, 2000.

PALHARES, M. S.; PEREIRA, M. S. N.; SILVA FILHO, J. M. Correção Ambiental e Reciclagem com Carroceiros de Belo Horizonte. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 8., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2005. p. 17-24.

REICHMANN, P. Projeto Carroceiro V – assistência médica veterinária aos carroceiros e seus animais de tração da região de Londrina-PR. **Revista Eletrônica Estação – Pró-reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Londrina, Londrina**, n. 2, set. 2003. Disponível em: <<http://www.proex.uel.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

REZENDE, H. H. C. Impacto ambiental, perfil socioeconômico e migração dos carroceiros em Belo Horizonte do setor formal para o informal no período de 1998 a 2003. 2004. 61f. **Dissertação** (Mestrado em Medicina e Cirurgia)—Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

REZENDE, H. H. C. *et al.* Impacto da migração de carroceiros de Belo Horizonte: setor formal para o setor informal. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. Disponível em: <www.ufmg.br/proex/arquivos>. Acesso em: 19 set. de 2017.

RUTHERFORD, K. M. D.; LANGFORD, M. C. JACK, L. Hock injury prevalence and associated risk factors on organic and nonorganic dairy farms in the United Kingdom. *Journal of Dairy Science*, v.91, p.2265-2274, 2008.

SCHADE J. *et al.* Biometria do equilíbrio podal em equinos de tração pertencentes ao Programa de Extensão “Amigo do Carroceiro” do Centro de Ciências Agroveterinárias da Universidade do Estado de Santa Catarina no município de Lages/ SC, Brasil. **Ciência Rural**, v. 43, p. 456-461, 2013.

SILVA FILHO, J. M. *et al.* Manejo alimentar dos animais de tração da regional Pampulha – Belo Horizonte. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2004.

SMYTHE, R. H. **A psique do cavalo**. São Paulo: Livraria Varela Ltda, 1990.

SOUZA, M. F. A. Implicações para o bem-estar para equinos utilizados para tração de veículos. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 51-52, 2006.

WSPA. Word Society for the protection of animal – Universidade de Ristol (UK) “**Conceitos em Bem Estar Animal**”, 2004.